

Não há nada lá fora...
(Ensaio sobre Spinoza)



Claudio Donato

Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernildo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

Não há nada lá fora...

(Ensaio sobre Spinoza)

Introdução

A filosofia de Spinoza admite uma única substância no mundo e uma identificação ou identidade entre Deus e Mundo (*Deus sive natura*). Esta Substância é

considerada como
princípio e ordem do
mundo, mundo este de
atributos finitizados e
derivados
necessariamente da
substância divina. O
conceito de necessidade é
fundamental para se
entender a filosofia
spinozana. Uma
necessidade de caráter

geométrico (como toda a filosofia de Spinoza), o método geométrico da necessidade é o mesmo método da sua Filosofia. Em relação ao livre-arbítrio, Spinoza o nega, mas admite que há liberdade humana. Tal liberdade consiste no reconhecimento e aceitação da necessidade

da ordem causal universal, ou das leis causais universais e necessárias; e, principalmente, um reconhecimento de que o ser humano é parte dessa mesma natureza e que, portanto, está sujeito às mesmas leis causais universalmente necessárias. De modo que

admitir um livre-arbítrio é admitir a possibilidade de se subverter à lei universal, e isso pressuporia a existência de uma outra lei, lei como vontade livre ou livre arbítrio, lei para descumprir outra lei; que colocaria o fator humano acima das leis da natureza. Mas, se existir

duas leis, haverá, além de
contradição na natureza,
relação entre as leis. Ora,
isso não apenas poria por
terra a idéia de uma única
lei referente a uma única
substância, como também
nos obrigaria a admitir
uma transcendência.
Admitir a existência de
mais de uma Substância.

O verdadeiro tema deste ensaio é “O Absoluto em Spinoza e o Fator Humano”, mas, num exercício de “licença poético-filosófica”, resolvi, após ter concluído o trabalho, mudar seu tema para: “Não há nada lá fora...”.

Este trabalho é fruto de uma investigação bibliográfica, mas também filosófica. Por isso, além da bibliografia principal (leitura interpretativa e exegética do livro *Ética*, de Spinoza) e da bibliografia complementar, muitos argumentos e considerações serão de

cunho pessoal. Desse modo, este estudo é uma leitura pessoal de Spinoza, com base em uma fundamentação teórica.

Pelo carácter provocador e subversivo desta investigação, usarei freqüentemente neste *paper* o conceito *mundo*

para designar *natureza*, e
utilizarei o termo
Absoluto para significar
(também) *infinito*.

Numa
radicalização ainda maior
desta licença (que eu
mesmo me dei) e desta
subversão filosófica, me
apropriarei de conceitos
hegelianos e

heideggerianos, de modo que o texto aqui escrito será um tipo de fio condutor “tendencioso”, apontando para a minha própria filosofia.

A rigor não se trata de uma interpretação teísta ou ateísta, mas convém frisar que Substância e Deus serão

termos sinônimos neste contexto.

As questões abordadas referem-se aos conceitos de Substância, Atributo, Modo, Absoluto, Infinito, Natureza, Liberdade, Necessidade Causal, o Fator Humano, dentre outros; numa tentativa de

responder às questões: “O que é?”; “O que é o princípio (arqué) de mundo?”; “O que é Deus?”; “O que é a natureza?”; “O que é o homem?”. “Que mistério há no fator humano?” “Há realmente mistério, ou tudo é óbvio, “claro e distinto” como uma manhã de verão?”

A filosofia
spinozana está
profundamente arraigada
na tradição judáica, e uma
interpretação possível
para entender a
profundidade
(interpretada por alguns
como mística) de sua
filosofia é pressupor uma
leitura da Cabala por parte
de Spinoza; mas a sua

filosofia mesma é
fortemente influenciada
pelos textos de
Aristóteles: é
impressionante como
parece que estamos lendo
o estagirita quando lemos
a Ética de Spinoza, o
método conciso é
realmente o mesmo, mas
a filosofia de Spinoza é,
certamente, muito mais

desafiadora, provocadora,
inquietante... Não é sem
motivo que Spinoza foi
escomungado.

O Absoluto

O Absoluto é a
Substância. Segundo
Spinoza, a substância é
algo que é em si e é

concebido por si, isto é, isso cujo conceito não necessita do conceito de nenhuma outra coisa a partir do qual deva ser formado (SPINOZA, 1960).

Segundo Marilena Chauí, é a imanência a própria *nervura do real*, através da qual todas as

coisas se conectam, numa relação causal necessária. Ora, causa e efeito somente é possível porque há um Deus imanente: única Substância. Spinoza demonstra na primeira parte da Ética (De Deus) que a Substância Infinita e Absoluta não apenas é *causa de si* como também é causa de todas as coisas